


revista
brasileira
de estudos
em
dança



Percepção das sensações de bailarinos em aulas de *ballet* clássico *on-line* no Brasil durante a pandemia de Covid-19

*Perception of the dancers' sensations in online classical ballet
classes in Brazil during the Covid-19 pandemic*

Dóris Dornelles de Almeida

Hillary Maria Lemes Farias

ALMEIDA, Dóris Dornelles de; FARIAS, Hillary Maria Lemes. Percepção das sensações de bailarinos em aulas de ballet clássico on-line no Brasil durante a pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, ano 01, n. 02, p. 3-36, 2022.



RESUMO

A pandemia de Covid-19 afetou vários bailarinos e professores em todo o mundo quando o ensino presencial de dança abruptamente precisou ser transferido para o ensino remoto por meio de diversas plataformas de comunicação *on-line* impactando nos seus modos de sentir. Esta pesquisa investiga as sensações de bailarinos de diferentes partes do Brasil durante seu processo de aprendizagem em aulas de *ballet on-line* intermediário-avançado e sua relação com a construção de sua corporalidade. Realizamos estudo qualitativo, com fontes etnográficas e autoetnográficas (observação, participação, entrevistas e vídeos). Os bailarinos nas aulas de *ballet* remotas relataram sentir desafios e oportunidades em relação às suas percepções de ver, ouvir, tocar, sentir cinesteticamente. A maioria dos bailarinos relatou bem-estar e melhoras na saúde mental e física devido à socialização com seus pares dançando e aprendendo continuamente. Estas aulas desafiaram a sensorialidade dos bailarinos e serviram como um recurso extra para o conhecimento da dança.

PALAVRAS-CHAVE sensações; ensino-aprendizagem; *ballet*; aulas *on-line*; pandemia.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic affected the education of many dancers and teachers worldwide. The abrupt transference from face-to-face to remote teaching through various online communication platforms impacted their ways of sensing. This research investigates the sensations of dancers from different parts of Brazil during their learning process in intermediate-advanced online *ballet* classes and their relationship with the construction of their corporeality. We carried out a qualitative study, with ethnographic and autoethnographic sources (observation, participation, interviews and videos). Dancers in remote *ballet* classes reported feeling challenges and opportunities concerning their perceptions of seeing, hearing, touching and feeling kinaesthetically. Most dancers considered positive benefits to their mental and physical health from socialising with their peers and from dancing and learning continuously. These classes challenged the dancers' sensoria and served as an extra resource for their knowledge of dance.

KEYWORDS sensations; teaching-learning; *ballet*; online classes; pandemic.

Percepção das sensações de bailarinos em aulas de *ballet* clássico *on-line* no Brasil durante a pandemia de Covid-19

Dóris Dornelles de Almeida (UFV)¹

Hillary Maria Lemes Farias (UFV)²

¹ Doutorado em Dança na Roehampton University-London. Dóris Dornelles é bailarina com experiência profissional nacional e internacional em companhias de dança desde 1994, coreógrafa, professora de Ballet Clássico e Música e Movimento na Universidade Federal de Viçosa-UFV, e pesquisadora nas temáticas da dança, cultura nas organizações e indústria cultural, baseada na perspectiva do corpo sócio-histórico-cultural e do embodiment (corporalidade). Mestrado em Administração e Negócios com Louvor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS (2012), Especialização em Teoria do Teatro-Cena Contemporânea pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (2005), Graduação em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2006) e Graduação em Bacharel em Artes-Dança - Folkwang Hochschule Essen-Alemanha (2002).

² Hillary Farias é bailarina graduada em bacharelado em Dança pela Universidade Federal de Viçosa -UFV (2021), possui formação na área de ballet clássico e dança contemporânea. Professora e pesquisadora de dança com foco no ballet.

1. Introdução

Durante a pandemia mundial de Covid-19, professores e alunos de diversas áreas tiveram que se adaptar ao ensino remoto. Com as aulas de *ballet* clássico não foi diferente. Diversos bailarinos frequentam as aulas de *ballet on-line* com intuito de manter a saúde física e mental. Estas aulas ocorrem através de plataformas de comunicação *on-line*, especificamente chamadas de vídeo e áudio utilizando a *internet*. Algumas plataformas de mídias sociais, como o *Google Meet* e *Zoom*, permitiram a utilização de aulas gravadas e ao vivo. No caso dos professores e bailarinos de escolas e conservatórios de dança, cursos de graduação em dança e companhias profissionais, para além do uso de diversos recursos de meios de tecnologia da informação para realizar as aulas, houve também uma adaptação dos seus espaços de uso pessoal (suas casas) transformando-os em espaços de aprendizagem e trabalho. As aulas de *ballet* clássico quando realizadas em estúdios normalmente necessitam vasto espaço para movimentação expansiva nos exercícios de centro, piso adequado flexível para possibilitar saltos e prevenir lesões, utilização de barra e espelho. Estes são elementos comuns nesta modalidade os quais tiveram que ser adaptados às casas dos bailarinos.

Considerando estas premissas, o objetivo desta pesquisa foi investigar as sensações na construção da corporalidade de bailarinos em aulas *ballet on-line* intermediário-avançado no período de pandemia em diferentes partes do Brasil. O conceito de corporalidade envolve a experiência corporal diária, em reconhecer o corpo como central da experiência humana e em como ele vivencia os espaços sociais, conforme explicam as pesquisadoras em antropologia da dança Dóris Dornelles de Almeida e em cultura organizacional Maria Thereza Flores-Pereira (2013).

Diferentes das aulas usualmente realizadas nos estúdios presenciais, na qual os bailarinos socializam com seus colegas e professores em um único ambiente, nas aulas remotas houve um distanciamento corporal e conseqüentemente mudanças drásticas nas percepções e vivências das sensações dos bailarinos. Para

Joseph Thibodeau e Ceyda Yolgörmez (2020) as construções culturais são passíveis de transformação por meio de práticas de construção de significado e definidas por relações contextuais. O contexto de pandemia de Covid-19 afetou diversos bailarinos e professores em todo o mundo (IADMS, 2020a; Marques, 2020). Estudos da IADMS (2020b) e Lyndsey Winship (2020) explicam como a situação da pandemia influenciou o comportamento dos bailarinos em relação às aulas diárias de *ballet*. A pandemia criou desafios e oportunidades a professores e bailarinos, necessitando uma adaptação cuidadosa das aulas de *ballet* clássico ao modelo remoto, como explica Dornelles de Almeida (2020).

Nesse contexto absolutamente caótico de emergência de saúde pública mundial, com notícias negativas imprevistas a cada momento, várias sensações destes bailarinos nas aulas de *ballet* clássico remoto encontraram-se por vezes potencializadas, ignoradas ou desequilibradas. Estas sensações dos bailarinos também encontraram-se entrelaçadas a estados emocionais com mudanças de humor frequentes e até perda do controle diante de situações rotineiras influenciando seus modos de sentir e aprender nas aulas, conforme explica Farias (2022).

Para entender as sensações dos bailarinos em tal contexto utilizamos metodologia de pesquisa qualitativa incluindo a coleta de dados etnográficos e auto etnográficos. Realizamos entrevistas com sete bailarinos, observação e participação em diversas aulas de *ballet on-line* (síncronas e assíncronas) ministradas por seis professores em diferentes localidades brasileiras durante seis meses, no período de 2021 e 2022.

Neste sentido aprofundamos conhecimentos sobre como a corporalidade dos bailarinos se constrói nesse novo modelo de ensino, para compreender as modificações nas relações entre o corpo e espaço, as relações entre bailarino e professor, e o impacto das sensações dos bailarinos em seus aprendizados, em especial do *ballet*, em um contexto de isolamento social.

2. A pandemia de Covid-19 e o seu impacto nas aulas de *ballet*

Ao entrar em uma sala de aula de *ballet*, tradicionalmente alguns elementos são comuns: como uma barra (um varão fixo a parede), espelhos nas paredes e chão adequado para a prática (geralmente feito de madeira ou chão flutuante), conforme explica Trajkova *et al* (2019). Cada um destes elementos possui uma função no ensino-aprendizado em *ballet* clássico. A barra é um auxílio para a busca do equilíbrio na prática de exercícios que são desenvolvidos posteriormente na segunda parte da aula, no centro. O espelho proporciona um *feedback* visual ao bailarino de si mesmo, através do reflexo de sua imagem corporal, sendo usado para fins de correção do seu alinhamento. Já o piso especializado com linóleo, ou de madeira associado ao uso de breu, oferece o atrito necessário para a prática de exercícios com piruetas no centro. O piso especializado também auxilia na absorção do peso corporal do bailarino no impacto dos saltos, que são exercícios feitos frequentemente na parte final da aula de *ballet*. Por exemplo, realizar uma pirueta em um chão com linóleo adequado e realizar o mesmo movimento em um chão liso de porcelanato provocam diferentes sensações e demandam um outro nível de controle sobre o movimento que se está realizando. Essas informações de percepção das sensações ao movimentar e posicionar nosso corpo, passam por receptores presentes nas nossas articulações, músculos e pele, denominadas por Monteiro (2006) como propriocepção. Dessa forma é importante entender que a diferença desses fatores ambientais pode alterar a performance, pois interfere na percepção de movimentos previamente aprendidos pelos bailarinos.

Durante a pandemia do vírus Covid-19 houve uma situação atípica na qual, para que houvesse o ensino virtual, os participantes tiveram que adaptar os espaços e tempos dentro do ambiente familiar nas suas casas. Este ambiente ao mesmo tempo virtual e pessoal modificou as relações entre corpo e espaço presentes no ensino de *ballet*. Sob esta perspectiva, as questões sensoriais no ensino-aprendizado em dança se tornaram complexas e desafiadoras por inúmeros motivos. Nesse sentido, Ladewing

(2000) apresenta a importância da atenção no processo de aprendizagem de habilidades motoras e como ela passa a ser resignificada através dos avanços do indivíduo nos estágios de aprendizagem. Por isso, à medida em que o indivíduo avança no aprendizado, ele melhora a sua “performance” do movimento.

No contexto de isolamento social e das aulas de *ballet* ministradas nesse período, a atenção facilmente se perde devido a fatores como o emocional do indivíduo e as interferências externas do ambiente em que o aluno participa da aula. Ocorre uma constante busca do cérebro por informações não-verbais durante a aula no contexto remoto devido as questões das próprias plataformas de ensino (Sathler, 2021), e percebemos em nossa pesquisa que ocorre uma explosão de sensações novas na percepção do ambiente de aprendizado. Muitas informações sensoriais não são capazes de serem transmitidas pela câmera gerando um cansaço mental ainda maior para professor e aluno. Por isso, é válido investigar como essas alterações de focos de atenção e de percepção sensorial ao serem distorcidas se tornam fatores a serem cuidados para melhorar a performance e influenciam no processo de memorização e aprendizado dos exercícios propostos durante as aulas.

Nesse período de ficar em casa e evitar ao máximo contato físico com outras pessoas na prevenção da disseminação do Coronavírus, houve uma resignificação do espaço da casa para dançar, a qual trouxe benefícios ao corpo e a mente, pois auxiliou na redução dos níveis de ansiedade durante o período de isolamento social (Lopes, 2020a; Rebs, 2021).

Para essa pesquisa utilizamos os termos selecionados por Sahin e Shelley (2020) das aulas como síncronas e assíncronas, para diferenciar as diversas modalidades de ensino investigadas. Nesse contexto das aulas de *ballet* clássico remotas (síncronas ou assíncronas), por exemplo, o bailarino e professor perderam o contato físico através do tato, a transmissão da música e fala muitas vezes ocorreu frequentemente de modo distorcido em função dos meios tecnológicos de plataformas de comunicação. Neste sentido, o estudo de Paulette Cote-Laurence (2000) com cinco professores de *ballet* no Canadá aponta que entender os elementos rítmicos e

controlar sua sincronização na percepção da audição do bailarino facilita o aprendizado nas aulas de *ballet*. Portanto, caso o bailarino não consiga escutar a música dificulta sua habilidade de perceber o ritmo musical, parte fundamental da descrição e demonstração do professor do exercício na aula de *ballet*. Outra questão a considerar é a visão do professor sobre o corpo do aluno que ficou limitada ao que a câmera pode captar. Por exemplo, o professor de *ballet* Carlo Lopez, disse em entrevista a Gia Kourlas (N.Y. Times, 2020) que precisa fazer um trabalho com o ângulo para conseguir captação das imagens ao demonstrar o exercício proposto, e embora seja limitante, seus alunos também devem se esforçar para trabalhar neste sentido (de encontrar ângulos para suas câmeras).

Pensando no contexto de isolamento social em que o ensino só pode acontecer de forma remota, companhias de dança do mundo inteiro ofereceram aulas *on-line* de dança através de transmissões de vídeo ao vivo nas redes sociais (Lansky, 2000). De um lado essa modalidade de ensino permitiu acesso a professores e bailarinos que se encontravam em diferentes lugares (países, estados, cidades) que seria inacessível de forma tão ampla no ensino presencial. Muitas companhias de dança brasileiras, como por exemplo, a São Paulo Companhia de Dança, compartilharam aulas abertas gratuitamente de maneira *on-line* através de *lives* em seu perfil do *Instagram* (Lima, 2021). Em outros países, o *NYC Community Ballet* também ofereceu aulas *on-line* através do aplicativo *Zoom* (Lansky, 2020). Esta amplitude de aulas permitiu, e ainda permite, que bailarinos com diferentes experiências e educação em dança compartilhem da mesma aula e aprendizado de dentro de suas casas.

Essa ampla acessibilidade através de aulas gratuitas, com profissionais de experiências diversas, muitas vezes não demandou nenhum recurso financeiro do participante, permitindo que as pessoas acessassem muitas aulas sem a necessidade de locomoção. Por outro lado, existiram dificuldades de acessibilidade às aulas *on-line*, pois os bailarinos e professores precisaram de contrato de prestação de serviços com uma provedora que oferecesse uma conexão estável para poderem participar das aulas ou até mesmo somente visualizá-las. Nesta conjuntura da

pandemia, ficou mais evidente as ideias propostas pelo filósofo português Boaventura dos Santos (2016) sobre a influência do capitalismo neoliberal, do patriarcado e do colonialismo e sua repercussão nas desigualdades sociais que foram potencializadas.

Neste ambiente social, as relações entre bailarinos e professores no ensino remoto reverberaram na qualidade de sua saúde física e mental. Para Marques (2020) a obrigatoriedade das telas dentro de nossas casas gerou uma precarização do trabalho, da arte e da vida; tornando-se uma violência que gerou um hiper individualismo e consumismo. A “corporativização” de nossas casas modificou as “formas de compreender, vivenciar e propor aulas e apresentações de dança”, fazendo com que bailarinos e professores de dança se tornassem vendedores e consumidores desenfreados de educação e arte (Marques, 2020, p.164). Para esta autora, muitos profissionais da dança não aproveitaram as possibilidades oferecidas pelos momentos de dançar em casa para se humanizar. Além disso, muitos profissionais de dança, ao invés de vivenciarem a sensação de respiro e pausa que o isolamento inicial ofereceu as relações sistêmicas dentro de casa; de viverem outros tempos e espaços e até mesmo de reformularem espaços físicos e virtuais utilizaram o tempo para o consumo e produção ininterruptos de ‘produtos de dança’ (Marques, 2020).

Considerando a influência do entorno arquitetônico em processos cerebrais que têm a ver com estresse, emoção e memória durante as aulas remotas na pandemia, Silva e Marcílio (2020) realizaram uma pesquisa quantitativa com 635 pessoas. Embora não seja o foco desta pesquisa estudar o ambiente da casa dos indivíduos, as alterações de espaço geográfico (sair do estúdio e ir para dentro de casa) foram apontados pelos participantes como um fator determinante na percepção de suas sensações e no desenvolvimento de seus aprendizados.

As relações entre o corpo e o espaço foram ressignificadas, algumas vezes limitadas, pelo espaço disponível em casa. Nesse cenário foi necessário lidar com adaptação de objetos no cômodo, ou com as mudanças provocadas pelo próprio tamanho do ambiente (sala, quarto, cozinha ou varanda). Tal mudança de espaço para a participação nas aulas de *ballet* provocou diferenças

(reduções, ou espaços não regulares) nas proposições dos exercícios pelo professor nas aulas de *ballet on-line*. Por exemplo, por falta de piso adequado e espaço para grandes movimentações, a tradicional estrutura de centro, ou uso das diagonais para realizar movimentações amplas no espaço foram modificadas, podendo ser até excluídas da aula na maioria dos casos. Ao mudarmos de ambiente ressignificamos estruturas de movimentos já previamente aprendidas. Quando se pensa na adaptação da sala de aula para o ensino a distância no caso do *ballet* clássico, nem todos possuíram acesso a uma barra, que é frequentemente utilizada nos exercícios nas aulas. Em muitos casos a barra foi substituída por exemplo, por uma cadeira, ou a aba de uma janela, e isso provocou sensações diferentes nos corpos dos bailarinos. A presença de outros elementos que passaram a compor a aula remota, como sons externos: uma conversa, um interfone ou até mesmo um animal de estimação que se aproximou, também interferiram no estado corporal do bailarino naquele momento, conforme afirma Farias (2022).

Neste contexto remoto, tanto o professor quanto o estudante sentiram dificuldade em perceber, por exemplo, expressões faciais, afetando significativamente processos de empatia durante a aula. De acordo com Sathler (2021, p.3), “muitos professores e alunos passaram a experimentar níveis mais elevados de cansaço e maior frustração com a pouca efetividade de seus esforços após a maciça migração para a interação majoritariamente realizada por videoaulas ao vivo”. A partir de outra perspectiva, Sathler (2021) explora como emoções de estresse impactaram na falta de atenção em aulas expositivas no ensino remoto dada a dificuldade de perceber sinais não-verbais dos professores no modelo virtual.

O contexto de isolamento social e das aulas de *ballet* ministradas nesse período pandêmico, dificultou a concentração da atenção devido a fatores sensoriais do indivíduo e as interferências externas do ambiente. Embora não pesquise aulas de *ballet*, e sim aulas remotas de outras disciplinas que não envolvem atividade física, para Sathler (2021) essa dificuldade se expande também sobre questões das próprias plataformas de ensino, e a constante busca do cérebro por informações não-verbais durante a aula.

Muitas informações sensoriais não são capazes de serem transmitidas pela câmera, fato que gerou um cansaço mental ainda maior para professor e aluno. Neste sentido, Lopes (2020b) cita como a ausência do toque pode interferir no processo de aprendizagem nas aulas de *ballet* clássico. Além disso, a ausência de momentos de distração que ocorrem naturalmente no ambiente presencial como a conversa antes da aula, precisam ser considerados e adaptados no formato virtual, ou seja, tais mecanismos que fazem parte da aprendizagem devem ser criados intencionalmente (Lopes, 2020b). Em outro texto, Lopes (2020c) explora a socialização como fator de extrema importância na relação entre aluno-professor e aluno-aluno pois afeta significativamente o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de *ballet* (Lopes, 2020c). Por isso, a importância de estudar as alterações na percepção das sensações dos bailarinos, visto que por exemplo, a visão, audição, tato, são somente alguns exemplos de sentidos que foram afetados e implicam no resultado do aprendizado adquirido através dos exercícios propostos durante as aulas remotas.

Outros fatores intrínsecos à rotina familiar também influenciaram na prática da aula de *ballet on-line*. Em casa os bailarinos estão sujeitos a esses fatores externos, os quais modificaram seus estados corporais, tirando o foco do aprendizado e da prática do *ballet*, e algumas vezes levaram a um relaxamento da musculatura, a um “esfriar” o corpo, e favorecendo o surgimento de lesões nestas circunstâncias. Por exemplo, Lindsey Winship (2020), bailarina profissional de uma companhia de *ballet* europeia explica que em um momento de concentração do exercício de barra em aula *on-line* com Tamara Rojo, teve sua atenção tomada pela realidade onde sua filha pede um biscoito para assistir televisão no ambiente em que ela estava realizando a aula.

Embora não estudem o *ballet* na pandemia, Luke Hopper, Andries Weidemann & Janet Karin (2018) investigam como o corpo variável e individual trabalha e aprende com o *continuum* de resultados de movimento codificados que são exigidos pelo esquema da técnica do *ballet*. Para isso estes autores analisam a variabilidade inerente ao movimento dos bailarinos de *ballet*

clássico e como os bailarinos devem se adaptar ao ambiente dinâmico em que se movem, pois estratégias de movimento singulares não podem facilitar resultados de movimentos estáveis. Portanto, considerando que na dança, todos os movimentos representam um resultado, estes autores argumentam que se deve ter espaço para o movimento individualizado, adaptativo e variável dentro do esquema da técnica do *ballet* em aula (Hopper; Weidemann; Karin, 2018).

Pensando em mudanças na educação da graduação em dança e aumento da inovação em cooperação internacional com a pandemia de Covid-19, Tuomeiciren Heyang e Rose Martin (2021) investigaram três narrativas de professores de diferentes países. Com o fechamento de campus universitários, bloqueios de cidades e fechamentos de fronteiras, a primeira narrativa de uma professora chinesa aborda a mudança das aulas presenciais para o uso de videoconferência. Para esta professora tal resposta do modelo de ensino remoto por causa da pandemia de Covid-19 poderia ser explorada como oportunidade de inovação no ensino superior internacional de dança indo além das origens, linhagens ou agendas culturais da dança. A segunda narrativa de uma professora norueguesa explorou novas maneiras de se envolver internacionalmente com a comunidade de educação em dança, através de congressos *on-line*, visto que não se podia viajar durante a pandemia de Covid-19.

As restrições deste contexto pandêmico inibiram o envolvimento em atividades acadêmicas presenciais, o que, por sua vez, ressaltou as desigualdades e sub-representação no engajamento acadêmico que já existiam. As origens das vozes dominantes no meio acadêmico se mostraram ainda mais desiguais, pois o envolvimento daqueles em partes do mundo considerados negligenciados dentro da educação em dança cresceu, e houve um envolvimento ativo de muitos para colaborar com aqueles que trabalham em locais marginalizados, porém ainda há uma clara sub-representação na academia daqueles oriundos do Sul Global³. A partir desta perspectiva há potencial para engajar

³ Para o sociólogo peruano Aníbal Quijano (1992) a estrutura colonial de poder foi ancorada em discriminações raciais, étnicas, nacionais e de gênero

muitas pessoas por meio de plataformas virtuais e promover inclusão social, pois estas oferecem o acesso ao encontro *on-line* de qualquer local que possua acesso à *internet*. A terceira narrativa de uma professora chinesa explorou questões como a qualidade do ensino *on-line* em dança, uma prática corporal que exigiu muitas adaptações para o ensino remoto. Embora nenhuma destas pesquisadoras explore especificamente as sensações, todos seus argumentos envolvem a troca de conhecimento através da dança de modo virtual, o que implica diretamente na percepção diferente das sensações neste meio de interação.

Para facilitar a interação sensorial nas aulas de dança através do meio virtual, muitos professores utilizaram de sua criatividade. Apesar de não investigar *ballet* clássico, mas aulas de dança para composição coreográfica, Li Zihao (2020) afirma que o modelo de aulas de dança *on-line* permitiu que ele como professor pensasse em 'sair da caixa'. Ou seja, Zihao cita que a criatividade trouxe opções benéficas a este modelo *on-line*; como envio de material gravado após a aula, oferecimento de *feedback* individualizado, e maior interação social com os bailarinos. Por exemplo, "os alunos comentaram que se sentiram com mais espaço criativo ao projetar e coreografar dança *on-line*. Eles foram capazes de ver o que os outros estavam fazendo, comunicando-se na sala de bate-papo para motivar uns aos outros e compartilhar dicas sobre como usar a tecnologia" (Zihao, 2020, p.15). A pandemia fez com que se ensinasse dança em um espaço virtual, e para os professores como Zihao (2020) apesar da ansiedade causada quando houve a mudança do ensino presencial para o ensino e instruções *on-line* nas aulas de dança, a modificação e adaptação ao espaço e à tecnologia trouxeram resultados significativos.

das elites brancas europeias para justificar seu domínio sobre outros povos. Segundo Guarato (2022), nesta articulação entre o Norte e Sul global estão em jogo posições hegemônicas, de dominação, e de subalternidade inclusive no campo da dança.

3. Aspectos metodológicos

O *ballet* clássico se constitui em uma técnica ocidental e europeia, e a codificação das imagens corporais que os bailarinos aprendem correspondem "a contextos culturais e sociais específicos que configuram formas de entender e vivenciar a dança", como afirmam Marulanda e Oliveira (2014, p.1). Segundo estes autores, existem várias "metáforas referentes ao corpo e ao movimento presentes na metodologia do ensino do *ballet* clássico" (Marulanda; Oliveira, 2014, p.1), que quando analisadas através das premissas metodológicas da antropologia da dança, em particular usando recursos etnográficos, possibilita uma construção poética e um posicionamento do sujeito pesquisador. Os bailarinos vivenciam as aulas de *ballet* clássico a partir de múltiplas sensações que muitas vezes se sobrepõem, como afirma Dornelles de Almeida (2021) em seu estudo sobre aulas de *ballet* profissionais em Londres. Para estudar as sensações nas aulas de *ballet* focado na corporalidade dos bailarinos, uma estratégia metodológica eficaz envolve o pesquisador se posicionar e conviver com os participantes da pesquisa em campo (Dornelles de Almeida, 2021). Em suma, a etnografia se caracteriza por "um trabalho de campo de longa duração, o registro de experiências em diários de bordo e a posterior análise destes dados a partir de categorias propostas pelo pesquisador" (Marulanda; Oliveira, 2014, p.1).

Segundo Sylvie Fortin a etnografia é um estudo feito considerando a dimensão cultural, a experiência no contexto socioambiental, observações e diferentes pontos de vista daqueles que fazem parte do campo pesquisado. O pesquisador envolve-se na "construção dos saberes no estudo da prática a qual necessita observar o que é feito, escutar" (Fortin, 2009, p. 82). Já a auto etnografia se aproxima da autobiografia e relatórios sobre si, e "se caracteriza por uma escrita do "eu" que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si" (Fortin, 2009, p. 83). Neste sentido, considera-se o relato da própria experiência com o meio em que se pesquisa como material empírico.

Para melhor entender os processos de ensino-aprendizagem de *ballet* em aulas *on-line* utilizamos dados etnográficos definidos como “dados empíricos provenientes de uma presença sobre o campo, para responder à questão que se impõe à prática” (Fortin, 2009, p. 79). Além disso, coletamos dados autoetnográficos, com intuito de apresentar “as expressões da experiência pessoal, as quais aspiram a ultrapassar a aventura propriamente individual do sujeito” (Fortin, 2009 p. 84).

Esta convivência e participação em várias aulas de modo remoto objetivaram reconhecer o olhar e sensações das pesquisadoras, e analisar o que os participantes expressaram corporalmente e suas declarações nas entrevistas. Com o intuito de estranhar a cultura das aulas, que é próxima das quais estamos acostumadas, buscamos analisar cada aula como se fosse a primeira. Cada aula possui características próprias e neste contexto oferece os significados e usos sociais desta prática em diferentes localidades brasileiras (as aulas pesquisadas ocorreram em diferentes cidades, as quais professores e bailarinos estavam localizados) e contextos de aprendizado de *ballet* clássico (aulas particulares e gratuitas em grupo, curso de curta duração, disciplina de graduação em dança, escola amador-profissional e escola com foco profissional).

De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p.194), observação-participante consiste na “participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais”. A observação é uma técnica de coleta de dados que serve para coletar informações utilizando os sentidos corporais (visão, audição, cinestesia) na obtenção de determinados aspectos da realidade para entender melhor as práticas sociais de um grupo de pesquisados (Lakatos; Marconi, 2003).

Baseadas nesta definição, uma das pesquisadoras optou por participar destes locais ‘virtuais’ e presenciais de ‘dentro’ de casa em diferentes turmas e modalidades de *ballet* adulto *on-line*. Esse registro da experiência pessoal vivida com esse modelo de ensino, inspirada nos estudos autoetnográficos, foi registrada em

diário de campo após cada aula no ambiente em que os bailarinos-participantes estavam vivenciando os movimentos, as relações sociais e experiências sobre as plataformas de ensino remotas.

Consideramos importante pausar aqui para explicar quais os tipos de aulas pesquisamos. Sahin e Shelley (2020) determinam como síncronas aulas que ocorrem simultâneas à sua transmissão, e as aulas assíncronas como aulas gravadas, que ficam disponíveis para os alunos a acessarem a qualquer momento. Nesta pesquisa encontramos quatro modalidades de ensino que derivam destes modelos utilizados pelos autores, expressos no organograma a seguir:

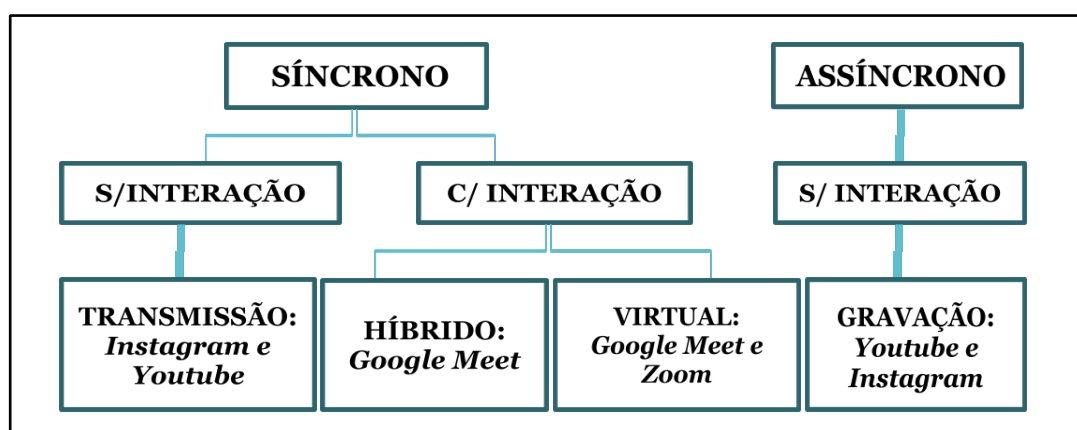


Figura1. Organograma criado pelas autoras referente aos modelos de ensino remoto nas aulas de ballet clássico investigadas nesta pesquisa (As autoras, 2022).

Na primeira modalidade observamos aulas síncronas que possuem interação com o professor (observação e *feedback* aos alunos) e aulas em que não há interação ou ela ocorre de forma mínima (através de troca de mensagens e comentários na transmissão, mas sem que o professor possa ver ou ouvir os alunos). Nas aulas transmitidas em formato de *live* através dos aplicativos *Instagram* e *Youtube*, os bailarinos podem ver a aula de casa que ocorria presencialmente e repeti-la sem interação com o professor.

Na segunda modalidade investigamos as aulas híbridas, as quais ocorreram diante do afrouxamento das medidas de isolamento social, devido à ascensão do número de vacinados, nelas os bailarinos estavam presentes presencialmente e os

demais acompanhavam de forma virtual, sendo que o professor interagiu com ambos.

Na terceira estudamos as aulas completamente virtuais que ocorreram principalmente em momentos de *lockdown* em vários países, onde as pessoas foram restringidas de saírem de casa, dado o elevado número de casos de internações por Covid-19. Muitas aulas virtuais perduraram após os afrouxamentos das medidas sanitárias. Nelas o professor acompanhava todos os alunos virtualmente.

E na quarta modalidade examinamos as aulas assíncronas, nas quais não houveram interações com o professor (por exemplo, o bailarino deixava um comentário ou dúvida nos comentários do vídeo e o professor respondia posteriormente) desse modo o aluno podia acessá-la a qualquer momento.

Desenvolvemos as análises da pesquisa baseadas nas fontes etnográficas e autoetnográficas, durante o final do segundo semestre de 2021 e início de 2022, provenientes das aulas adulto intermediário-avançado de seis professores; 1) quatro aulas privadas do professor Ronaldo Mansur-MG, pela plataforma *Google Meet* e *Zoom*, com todos os bailarinos acessando a aula de maneira *on-line* (cada um em sua casa), 2) duas aulas do curso patrocinado pela Lei Aldir Blanc com a professora Marina Alves-MG, oferecidas no formato completamente *on-line* através do *Google Meet*, 3) aulas da turma de *Ballet Clássico* da Graduação Bacharelado Dança Universidade Federal de Viçosa-MG da professora Dóris Dornelles, 4) quatro aulas privadas da professora Denise Pacheco da Escola Maria Bailarina-RS, que oferecia aulas no formato híbrido (semipresencial, no qual poucos bailarinos estavam no estúdio de dança e os demais participaram das aulas por transmissão de chamada de vídeo) pela plataforma *Google Meet*, 5) duas aulas privadas da professora Victória Milanez da Escola *Ballet Concerto*-RS, oferecidas no formato de transmissão ao vivo pela plataforma *Instagram*, e presencial na escola com máximo de seis bailarinos no estúdio, e 6) duas aulas selecionadas gravadas com Jurgita Dronina, bailarina do *English National Ballet* e José Alves bailarino do *Ballet Black* (ambos de Londres-Inglaterra) no formato de aula gravada disponíveis pelo *Instagram*.

A seleção destas aulas gravadas com os bailarinos Jurgita e José foram no sentido de complementar a fonte autoetnográfica de pesquisa, visto que com a pandemia de Coronavírus bailarinos e professores de várias partes do planeta disponibilizaram suas aulas de *ballet* clássico *on-line*. As aulas envolveram de uma até duas horas de duração. Estas aulas focaram mais no trabalho dos bailarinos nos exercícios da barra e algumas aulas evoluíram para o centro, através da aplicação de exercícios variados com chance de repetição, e alguns exercícios de piruetas e pequenos/médios saltos dependendo das circunstâncias de cada aula.

A disponibilização gratuita de aulas de *ballet* clássico *on-line* (*live* ou gravadas) foi um movimento social de empatia entre os bailarinos e professores mundialmente que ajudou os profissionais e amadores e estudantes a se manterem saudáveis física e mentalmente. Vários bailarinos de diversas partes do país participaram desta pesquisa (aproximadamente trinta e cinco bailarinos). Porém, sete destes bailarinos colaboraram com suas percepções sobre estas aulas selecionadas através de entrevistas: uma bailarina participante da aula do professor Ronaldo Mansur, um bailarino participante da aula dos professores Ronaldo Mansur e Dóris, uma bailarina participante das aulas assíncronas e do curso com a professora Marina e aulas da professora Dóris, um bailarino participante das aulas assíncronas e da professora Dóris, uma bailarina participante das aulas da escola Maria Bailarina, uma bailarina e um bailarino participante das aulas do *Ballet Concerto*.

Conforme Lakatos e Marconi (2003, p.195), entrevista é definida como “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Para Fortin (2009, p 80) na pesquisa etnográfica a entrevista tem a função de questionar “seus interlocutores a fim de melhor observar como o contexto cultural ajuda a compreender a produção artística e vice-versa”. As entrevistas foram realizadas através de encontro com os entrevistados pelo *Google Meet*, baseadas no roteiro de entrevista semiestruturada criada por nós. As perguntas elaboradas basearam-se nas percepções dos bailarinos sobre suas sensações em contato com a ressignificação do ambiente domiciliar e suas

adaptações necessárias para o ensino remoto. Buscamos também registrar como os bailarinos se sentiam nessas aulas emocionalmente dependendo da plataforma utilizada, visto a constante ansiedade gerada na sociedade devido ao contexto de isolamento social.

Importante destacar que esta pesquisa envolve seres humanos, e portanto, encontra-se registrada em detalhes desde 18 de junho de 2021 no Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. As instituições selecionadas para esta pesquisa assinaram o termo de aceite e todos os entrevistados também assinaram Termo de consentimento Livre Esclarecido, o qual explicou os objetivos, aspectos metodológicos e como os dados e entrevistas desta pesquisa seriam armazenados e tratados.

4. As percepções das sensações dos bailarinos nas aulas *on-line de ballet*

Desde 2020 até a metade de 2022, o meio virtual se tornou a forma comumente usada por bailarinos com intuito de se manterem em forma e socializarem nas aulas de *ballet*. As aulas remotas foram consideradas a forma 'mais segura' de 'estar junto' e não se contaminar por Coronavírus. O contexto pandêmico, envolveu principalmente momentos de *lockdown*, ou seja, períodos em que os governos restringiram a saída das pessoas de suas casas somente para atividades essenciais à sobrevivência, seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020). Estas restrições exerceram grande influência nas sensações dos bailarinos.

As observações e participações nas aulas e falas dos bailarinos nas entrevistas indicaram que houve implicações diretas nos seus modos de sentir. Uma das sensações que mais sobressaiu foi a ausência do toque nas aulas virtuais/remotas, a qual retirou um dos sentidos mais importantes no processo de aprendizado do bailarino: o tato. Por exemplo, as bailarinas Laíse e Isabela (entrevistas, 23/12/21; 28/12/21) explicaram ter sentido muita falta do toque, pois no momento presencial o professor

poderia dizer 'contraí tal músculo' ou 'puxa a perna para trás' e muitas vezes o bailarino não entendia a ativação ou a direção que está sendo indicada, então o professor tocava no bailarino para auxiliar na compreensão proprioceptiva. Para estas bailarinas, nas aulas presenciais quando o professor intervinha através do toque, colocando a perna na posição, proporcionava uma melhor compreensão do alinhamento desejado. Portanto, esta demonstração no corpo do bailarino auxilia na ativação do músculo trabalhado. Por outro lado, a bailarina Agda relatou não sentir falta do toque pois nas aulas presenciais ela não se sente confortável com o toque (entrevista, 01/12/21). Esta bailarina prefere entender as ativações necessárias da musculatura para a realização do movimento através das explicações e analogias utilizadas pelo professor.

Para além das questões de aprendizagem com a falta do toque, existem nas aulas virtuais outras questões próprias da ausência do contato humano. Nesta pesquisa observamos que para suavizar tais questões de ausência de algumas sensações, os bailarinos precisaram atuar ativamente para manter esse tipo de contato vivo, considerando as limitações da tecnologia. Por exemplo, para minimizar a ausência do contato no processo de aprendizagem, os professores utilizaram metáforas ou, em algumas vezes objetos, para explicar determinada ativação da musculatura e para desenvolver a propriocepção dos bailarinos. Conforme registro em observação e participação em uma das aulas "ao explicar o desenvolvimento de um *retire derriere* para um *attitude derriere*, o professor utilizou um papel para simbolizar a força de uma parábola, que seria a força necessária a ser feita no *attitude derriere*" (Diário de campo, 20/10/21). Além de utilizar analogias que auxiliaram os bailarinos a compreender a ativação de força, tal estratégia ajudou a suprir a ausência do toque do professor em aula.

A diferença entre a aula *on-line* e presencial e sua influência nas sensações envolve para além do contato físico, e sim o contato humano, o olho no olho, o contato cotidiano, explica Lopes (2020a). Por exemplo, dez ou quinze minutos que os bailarinos chegam antes e conversam sobre assuntos cotidianos e fazem brincadeiras

no ensino presencial, ocorrem de maneira diferente do ambiente virtual (Lopes, 2020a). Então, para tornar o ambiente virtual de ensino descontraído professores e bailarinos possuem responsabilidade conjunta em criar espaços para novas percepções ou modos de sentir.

Além da sensação tátil, a visão foi outra categoria citada por vários bailarinos, visto a dificuldade de visualização dos participantes das aulas na tela durante as aulas de *ballet*. Para um dos bailarinos é imprescindível que:

o professor ter uma visão periférica (diversas dimensões) para entender o corpo do aluno naqueles exercícios, e esses desafios que as metodologias convertidas para a aula *on-line* trouxeram, são de certa forma mínimos comparado com outras questões mais profundas do ensino; como o professor entender de onde o aluno vem, e com qual corpo está lidando (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

Considerando a visão, todos entrevistados comentaram dificuldade de absorver correções direcionadas a outros colegas (Agda 01/12/21; Vinícius 06/12/21; Laíse 23/12/21; Josimáteus 24/12/21; Isabela 28/12/21; Marina 01/01/21; Dante 22/01/21). Um dos bailarinos relata que na aula *on-line* 'se a correção não era direcionada a ele, ele não prestava atenção', pois havia impossibilidade de visualizar o colega durante a execução do exercício (Josimáteus, entrevista, 24/12/21).

Uma questão citada do ensino *on-line* síncrono sobre as correções, é que embora o professor não tenha a visão total do corpo do aluno em 3D, o professor pode visualizar, ainda que em forma pequena, os corpos de todas as pessoas (que estivessem com a câmera ligada) na sala virtual às quais estavam sendo transmitidas através de uma tela 2D. No ensino presencial, o professor precisaria ter uma visão total da sala para observar todos os alunos ao mesmo tempo, como relatou um dos bailarinos (Dante, entrevista, 22/01/22). No formato de transmissão virtual da aula gravada, por exemplo, não existe uma troca com o professor, cabendo ao aluno se autocorrigir.

A aplicação de correções, e o 'ditar' os exercícios para os alunos, nas experiências das aulas, foi algo que em alguns

momentos comprometeu o 'ouvir' a música tocada (Diário de campo, 04/10/21). Isso porque nas aulas investigadas o professor utilizava o som pelo mesmo microfone em que falava, fazendo com que sua voz sobressaísse a música, não possibilitando aos bailarinos ouvi-la. Ainda que a fala do professor fosse ritmada acompanhando a música tocada, nos momentos em que a música 'saltava', aquilo que era ditado pelo professor se sobressaía à experiência da musicalidade pelos bailarinos. Na experiência de uma das pesquisadoras participante nas aulas, isso atrapalhou sua concentração, pois para manter a contagem da música ela precisava se concentrar em ouvi-la internamente (diário de campo, 20/10/21). Outro bailarino relatou ter lidado da mesma maneira com o 'saltar' a música e em momentos em que a música ralentava e em seguida acelerava (devido a má conexão). Dante afirmou que "ignorava que a música travava e continuava [dançando] até o final [do exercício proposto]" (entrevista, 22/01/22).

A bailarina Marina S. teve a experiência da professora utilizar o som do computador para transmitir a música, mas ela diz que ainda assim o som fica a mercê da qualidade da transmissão de dados da banda larga. Para esta bailarina a experiência foi "um bom exercício para trabalhar o andamento [musical] dentro da cabeça e tentar seguir o mesmo ritmo" (Marina S., entrevista, 01/01/22). Embora esta tenha previamente uma boa noção da musicalidade, ela considerou que os momentos em que a transmissão da música apresentava pequenos problemas dificultaram seu aprendizado.

O bailarino Vinícius (entrevista, 06/12/21), ainda que não tivesse uma experiência tão desenvolvida de trabalho com a musicalidade, sentiu ter ganhado uma intimidade maior com a escuta, ainda que utilizando a plataforma de comunicação de forma remota. Para este bailarino, mesmo que ainda existam todas essas questões dentro do ensino *on-line*, é primordial um profissional que saiba orientar o bailarino dentro de suas limitações musicais para realizar o movimento (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

Tanto as observações e participações nas aulas de *ballet*, quanto as entrevistas dos bailarinos Dante, Marina e Vinícius foram similares aos achados do estudo de Cote-Laurence (2000) em que

o ritmo nas aulas de *ballet* é considerado crítico. Isso porque o ritmo se torna uma habilidade aprendida pelo bailarino em aula, e integra a descrição verbal e demonstração do movimento pelo professor. Então para poder elaborar o ritmo dos movimentos e compreender o processamento de elementos rítmicos notamos que os bailarinos pesquisados que possuíam noção prévia sentiram facilidade nas aulas remotas quando a música ‘travava’.

Pensando na percepção dos bailarinos, outro fator importante a ser explorado é a prática de *ballet* clássico em um ambiente adaptado, transformado, que não possui a infraestrutura ideal para estas aulas. Considerando que o ambiente de casa não possui piso adequado, espaço vasto, espelho e barras, onde existem várias distrações, torna este ambiente propício para o surgimento de lesões. Em algumas observações em campo notou-se que a instabilidade do substituto da barra, por exemplo, uma cadeira, a parede, ou outro objeto, foi um fator de grande potencial de lesões, quando o bailarino se desequilibrava estes substitutos não ofereciam a mesma segurança da barra fixa. Além disso, em várias aulas observamos os bailarinos esbarrando nos objetos próximos quando estavam realizando os movimentos da aula. Em relação a aula remota realizada no ambiente de casa, o piso não propício para amortecer os saltos fez com que muitos tipos de exercícios fossem substituídos ou excluídos totalmente, de modo que os bailarinos não recebessem impacto extra nas articulações. Neste contexto, a presença do professor para balizar o que pode ser feito ou não, e oferecer socorro aos alunos em uma emergência foi fundamental. Alguns bailarinos pesquisados apontaram que esses fatores aliados a impossibilidade do professor observar o corpo do bailarino em sua totalidade, limitou seu poder de correção sobre os movimentos e alinhamento corporal, favorecendo a ocorrência de lesões.

Os bailarinos nesta pesquisa exploraram suas sensações de tato, audição e visão no ensino remoto de outras formas, havendo uma construção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades sensoriais neste formato de ensino-aprendizado. Algumas destas habilidades foram trabalhadas dentro das

limitações que o ensino remoto proporcionou, diferente do ensino presencial.

Outra grande dificuldade apresentada pelos bailarinos foi quando a tela do vídeo congelava e saltava para a próxima com muita frequência devido a qualidade da conexão. Quando isso ocorria eles não conseguiam pedir à professora para repetir algo que não haviam entendido, e nem ser corrigidos no formato síncrono sem interação (Diário de campo, 22/09/21). Devido ao espaço restrito, a pesquisadora participante decidiu observar os bailarinos da sala fazendo somente alguns exercícios, e isso ajudou no entendimento de determinados movimentos principalmente no que diz respeito à qualidade e expressividade. Observar a aula também oferece um grande aprendizado, como por exemplo, poder ver as correções aplicadas aos outros bailarinos. Isso auxilia na autocorreção a partir do *feedback* oferecido aos colegas. Esse sentimento foi parecido com o de uma das bailarinas, quando ela fez as aulas pelo *Instagram* - de maneira presencial e virtual. Ela comenta sobre sua experiência com esse modelo de ensino:

Para quem está no presencial eu achei um formato de *live* [em que o bailarino está na sala sendo gravado] ótimo porque depois eu posso assistir toda minha aula, olhar e me corrigir. Mas quando eu tive que fazer as aulas *on-line* gravadas [em que o bailarino está na sua casa participando depois da aula virtual], (eu achei meio ruim) é como se tu estivesse assistindo a aula (...) é uma aula gravada que está acontecendo ali, não tinha uma interação tela (Marina, entrevista, 01/01/21).

Outro bailarino comentou a sua opção por não fazer essa modalidade, para ele:

A aula no *Instagram*, na verdade é uma transmissão, que não tem muito uma troca com o professor, então acabei não me interessando porque para mim como aluno, gosto de ter a troca com o professor, de ter a resposta, a correção (Dante, entrevista 22/01/21).

Nas aulas assíncronas gravadas disponíveis em plataformas como *Youtube* e *Instagram*, o/a bailarino/a está completamente sozinho/a, sem *feedback* do professor, em horário diferente do qual a aula foi realizada. Por isso, para a pesquisadora participante foi muito difícil manter um compromisso para acessar

às aulas em determinado momento sem ter acompanhamento do professor e de outros/as bailarinos/as em tempo real, como se precisasse de validação social, e a presença de um grupo de pessoas me motivava para participar da aula. Na experiência das pesquisadoras e de alguns bailarinos desta pesquisa, esta modalidade de ensino estimulou pouco a realização de autocorreções, de se manter ativo durante a aula, e não ofereceu a motivação do professor em forma de troca/diálogo ao mesmo tempo na plataforma virtual. Nesta modalidade de aula o bailarino/a pode encerrar a aula em qualquer momento sem a validação do professor.

A bailarina Laíse explicou como a ausência do professor nesse momento modificou seu aprendizado em aula:

Uma dificuldade que é geral e que todo mundo deve ter sentido, é a insegurança de você estar fazendo o exercício certo ou não. Principalmente quando eu que fiz aula gravada, eu tive que prestar muito mais atenção no que eu estava fazendo, para ver se estava certo ou errado porque não tinha nenhum professor presente para poder me corrigir (Entrevista, 23/12/21).

Embora cada uma dessas modalidades de ensino tenha suas próprias particularidades, uma questão em comum deve ser observada: o espaço domiciliar e as adaptações necessárias que os bailarinos tiveram que fazer para acompanhar essas modalidades de ensino foram muito diferentes das questões presenciais. Além disso, o bailarino/a teve oportunidade de vivenciar diferentes formas de ensino-aprendizagem que talvez possam se complementar. Por exemplo, prestar mais atenção no movimento que está realizando é algo positivo. Este fato propicia o desenvolvimento da atenção motriz do bailarino, e pode de certa forma ser benéfico para quando ele retorna ao estúdio para fazer aula de *ballet* presencial. Contudo, os bailarinos apontaram, em geral, sentir falta da presença dos colegas e do professor ao mesmo tempo, situação a qual foi facilitada por algumas plataformas de comunicação virtual (registradas nesta pesquisa através do *Google Meet* e *Zoom*).

Um dos professores participantes desta pesquisa, Ronaldo Mansur, exemplificou em suas aulas como se dá a diferença entre

a influência da amplitude de movimento e a utilização do espaço geográfico. Neste caso, ele comentou a dificuldade que uma das bailarinas apresentou para realizar amplamente os movimentos em espaço restrito, como segue:

Eu estava fazendo [aula] nesse quartinho do piso vinílico e tem a estante, automaticamente quando vou fazer um *arabesque*, o próprio braço do *arabesque* - não é nem a perna - o braço já vai mais para baixo, o olhar já é mais para baixo. Daí quando eu fiz na sala da casa dos meus pais, que é um lugar bem amplo, ele falou na hora 'nossa como faz diferença'. Isso porque além de ser um lugar amplo, é um lugar de vidro então dava para eu ver tudo lá fora. E aí o braço vai alto, o tronco cresce mais...fez muita diferença (Agda, entrevista, 01/12/21).

Por outro lado, a bailarina Isabela explicou sua percepção sobre a influência do espaço na sua amplitude de movimento quando mencionou que "já sabia que quando fosse fazer uma coisa para trás, naquele lugar em que estava ou não podia levantar muito a perna, ou tinha que ir para frente por que eu já sabia que a perna ia bater no armário" (entrevista, 28/12/21).

A questão do espaço na aula de *ballet*, além de influenciar a amplitude do movimento, para outra bailarina afetou a sua 'entrega' na realização do movimento pelo fato de estar no espaço físico 'sozinha'. Marina S. comentou suas sensações: "quando você está em um lugar próprio para isso permite você ir mais ao todo, ir até o final" (entrevista, 01/01/22). Em casa, para Marina S. existia a restrição por causa do espaço e também porque ela estava sozinha com seu computador; então ela sentia falta da presença de fato, de alguém junto fisicamente.

Uma das questões relativas ao espaço nas aulas remotas foi a ausência do espelho, fato que influenciou tanto de forma positiva quanto negativa na realização dos movimentos dos bailarinos. Durante as aulas muitos bailarinos relataram sentir "dificuldade de assistir os colegas e a ausência do espelho fez com que alguns se sentissem mais confiantes. Pois os bailarinos se comparavam menos aos colegas, e não se julgavam tanto enquanto faziam os exercícios, o que fez com que a atenção deles se voltasse para o próprio corpo" (Diário de campo, 16/09/21). Um dos bailarinos descreveu percepção semelhante em aula:

Eu acho que o espelho ajuda bastante para você mesmo fazer uma autoavaliação e autocorreção [...] dependendo da minha propriocepção, é uma jornada que, às vezes eu esqueço de acionar o abdômen, às vezes eu esqueço de relaxar os ombros, ou estou com o braço caído, então depende muito mais da visão e do *feedback* do professor, que está através de uma câmera (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

Por outro lado, o fato do bailarino não conseguir observar o próprio alinhamento no espelho também pode se constituir em algo positivo. Analisando as entrevistas com os bailarinos e participação nas aulas, notamos que a ausência do espelho passa a demandar uma propriocepção muito alta do bailarino. Por mais que o professor auxilie o bailarino com as correções, sua visão através da tela oferece duas dimensões do movimento realizado, fato que não permite que ele visualize o corpo do bailarino como um todo.

Para Oliveira *et al* (2021) a falta de *feedback* do professor apareceu como uma das limitações no ensino remoto. Fatores como o tamanho da tela na qual se transmite e participa da aula, angulação da câmera dependendo de como foi posicionada, e iluminação do ambiente, são apenas alguns exemplos de como o computador, monitor ou celular podem interferir na percepção do professor e do bailarino na aula e conseqüentemente influenciar seu aprendizado corporal.

No caso das modalidades de ensino de *ballet* clássico *on-line*, como aulas gravadas assíncronas ou em formato de *lives*/síncrona, não existe possibilidade da observação do professor sobre os participantes da aula. Em muitos casos os bailarinos também não possuem espelho para auxiliá-los nas correções propostas pelo professor. Estes fatores fazem com que essa demanda por uma propriocepção e atenção do bailarino seja ainda maior como forma de autocorreção do que na aula de *ballet* presencial. Somente uma das bailarinas, Laíse Almeida, comentou ter acesso a um espelho que refletia o seu corpo todo durante a aula em sua casa. Neste sentido ela comenta que “eu realmente achei que meu alinhamento melhorou bastante, mas eu acho que foi mais por causa do espelho, de ter essa oportunidade de estar me observando mais” (Laíse, entrevista 23/12/21).

Três bailarinos (entrevista, Marina, 01/01/21; Dante 22/01/21; Laíse 23/12/21) relataram mais dificuldade em manter a atenção no ensino *on-line* por existirem outros acontecimentos em casa que ocorriam simultaneamente à aula. Como relatou Dante, ao observar esse comportamento em si mesmo e em seus alunos das aulas que ministrava:

Uma das grandes diferenças para mim é o aluno não focar, porque tem um universo em volta dele na casa; a louça para lavar, comida para arrumar, o sofá que está bagunçado, as interrupções. A minha atenção eu sinto muito mais displicente em casa, pelo ambiente, e por talvez o cérebro entender que ali é um lugar para relaxar. Você tem que estar com um certo tônus muscular para a aula e o cérebro quer relaxar (Dante, Entrevista, 22/01/21).

Consideramos importante o que Iverson Ladewing (2000, p. 63) afirmou, que “a atenção exerce uma função muito importante na capacidade de retenção de informações relevantes, pois é através dela, associada aos processos de controle, que guardamos informações na memória de longa duração”. Desse modo, torna-se necessário estar atento às possíveis interferências durante a aula remota, de modo que não cause prejuízo a qualidade da aula e ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Procurar estar em um ambiente calmo, e ter uma conversa aberta com a família para organizar e ter privacidade no momento de aula foram algumas das medidas tomadas pelos bailarinos para se ter o mínimo de interferência possível (Entrevista, Isabela 28/12/21; Agda 01/12/21).

Questões importantes diferenciaram as várias modalidades de ensino vivenciadas pelos bailarinos participantes. No que se refere aos diferenciais entre o ensino presencial e remoto notamos que a relação com o espaço e o distanciamento entre professor-aluno e colegas e tipo de modalidade de transmissão foram um dos aspectos que mais influenciaram as suas sensações. O distanciamento e sua influência no aprendizado dos bailarinos modificaram seus modos de sentir, por exemplo, a ausência do toque para correções. Dessa forma, esta pesquisa indica que o ensino de *ballet* clássico *on-line* influencia nas sensações, e percepção de informações no aprendizado dos bailarinos durante a

pandemia do Coronavírus através de diferentes modalidades de ensino remoto. O ensino remoto oferece várias possibilidades de ensino-aprendizado, sendo que todas estas formas trouxeram para o bailarino uma postura mais ativa em seu processo de aprendizagem.

5. Considerações finais

Nossa perspectiva teórico metodológica para esta pesquisa baseou-se em fontes etnográficas e autoetnográficas através da observação-participante, entrevistas com diversos bailarinos e participação em várias modalidades de aulas de *ballet* remoto. Tal escolha metodológica nos possibilitou reflexão sobre as principais sensações que os bailarinos vivenciaram no modelo de ensino remoto de *ballet* clássico e sua relação com o ensino-aprendizado durante a pandemia Coronavírus em meio a situação de isolamento social.

Várias questões sensoriais do ensino de *ballet* presencial se diferenciam do ensino remoto *on-line*. Por exemplo, em nossa pesquisa os bailarinos relataram nas aulas presenciais poderem ver em várias dimensões o professor, escutar a música na sua integridade sem falhas por causa da plataforma de comunicação, receber o toque do professor para aprimorar a propriocepção do movimento, tocar com as mãos na barra, checar visualmente seu movimento no espelho, sentir a textura e flexibilidade do piso através dos pés na sapatilha, mover-se com expansão no espaço. Com isso, o aprendizado dos bailarinos sofreu modificações sensoriais que também foram benéficas aos bailarinos. Por exemplo, nas aulas remotas eles deixaram de usar tanto a visão e se focar mais em questões proprioceptivas, aprenderam a sentir e contar a música de modo que quando a *internet* falhava o bailarino conseguia continuar a sequência em sua dinâmica, encontraram metáforas sensoriais e usaram objetos para perceber o movimento, e em alguns casos houve mais espaço para diálogo com o professor quando as aulas eram síncronas.

A limitação da visualização do professor (ou a falta dela nas modalidades em que não há interação com o professor), diferença

no espaço-tempo em que os alunos estão e quando não estão presentes, trazem para os bailarinos a responsabilidade de ouvir o próprio corpo. Além do desenvolvimento de autonomia em relação a organização do espaço de aula, disciplina em manter a prática e reduzir possíveis distrações (principalmente nas modalidades assíncronas), não foram tarefas fáceis para os bailarinos e professores nesse momento caótico.

As modalidades síncronas com interações entre alunos-alunos e alunos-professor, se apresentaram como mais que uma forma de manter a saúde física e mental, tanto por manter a atividade física quanto pela possibilidade de diminuir a sensação de isolamento social, e permitir a socialização. Já nas modalidades síncronas desta pesquisa ocorreram sem interações entre alunos-alunos e aluno-professor; e as modalidades assíncronas apresentaram um déficit em relação a socialização e motivação para as aulas. No entanto, estas modalidades apresentaram maior desenvolvimento da autocorreção, e nas modalidades assíncronas houve a possibilidade de estudar com maior detalhe as movimentações e aperfeiçoar em alguns casos sua qualidade.

A análise das sensações dos bailarinos nas aulas de *ballet* no ensino remoto foi complexa, pois neste período de pandemia houve o distanciamento social, a situação de emergência e imprevisibilidade que foi se prolongando ao longo dos anos, desde março de 2020 até aproximadamente abril de 2022. As relações sensoriais encontraram-se entrelaçadas as emoções dos bailarinos. Por exemplo, os bailarinos indicaram emoções de alegria ao realizarem aulas em grupo e reverem ou conhecerem bailarinos e professores novos. Além disso, a possibilidade de socialização oferecida através das aulas remotas de *ballet* clássico foi um fator muito positivo no emocional dos bailarinos, auxiliando em rituais de autocuidado, e trocas com seus pares de experiências em dança e de vida.

Os bailarinos também apontaram diferenças nas percepções de níveis de energias deles mesmos a partir das plataformas de transmissão das aulas utilizadas. Estas diferenças causaram momentos de estresse nos bailarinos quando eles não conseguiam acompanhar visualmente a aula, ou por motivos de

falhas na conexão que os impediam de verem os exercícios e de ouvirem a música. Por outro lado, os bailarinos indicaram como positiva a possibilidade de parar uma aula gravada e repetir um exercício, e focar em suas sensações corporais.

Ao mesmo tempo em que a situação social da doença se disseminou, houve um altíssimo número de mortes por Coronavírus, atingindo muitas vezes as famílias destes bailarinos e professores. Esta situação fez com que fosse difícil manter um equilíbrio emocional durante este período. Apesar destas circunstâncias, bailarinos e professores de *ballet* encontraram meios de se conectar e manter a prática desta modalidade viva. Neste período, surgiram inclusive oportunidades inúmeras de aulas, audições, cursos, espetáculos gratuitos de *ballet* oferecidos por inúmeras instituições e profissionais de vários países conectando pessoas de muitas localidades para o ensino e troca de aprendizado sem saírem de suas casas, ampliando as possibilidades de desenvolvimento na prática do *ballet* clássico.

A principal contribuição desta pesquisa foi o foco na construção da corporalidade sensorial do bailarino no processo de aprendizagem dentro dessa modalidade de ensino de *ballet* remoto durante a pandemia de Coronavírus. A partir disso, questões importantes diferenciam várias modalidades de ensino através das plataformas pesquisadas e vivenciadas pelos bailarinos participantes. No que se refere aos diferenciais entre o ensino presencial e remoto notamos que os tópicos sobre os espaços privados de suas casas com pouca infraestrutura e o distanciamento entre professor-aluno foram um dos pontos mais ressaltados pelos bailarinos que impactaram nas suas sensações, por exemplo, a falta da sensação do toque do professor nas correções influenciou o aprendizado do bailarino. Conforme Batson (2009, p.40) a “propriocepção aparece essencial para os bailarinos, tanto para prevenir lesão e melhorar a técnica e atuação”. Contudo, em muitas aulas pesquisadas houve uma integração de exercícios para desafiar a acuidade proprioceptiva na aula de *ballet on-line*. Este modelo de ensino devido a pandemia possibilitou que os professores de dança pesquisados adaptassem os exercícios para atender aos requisitos em evolução do condicionamento físico dos

dançarinos considerando as limitações de infraestrutura existentes e aumentando a percepção da propriocepção dos bailarinos nas aulas remotas. Neste sentido, muitos bailarinos explicaram que focaram mais atenção na sua propriocepção nas aulas remotas devido a falta do toque, e isso provocou emoções de confiança e segurança em si mesmos ao realizarem os movimentos.

De acordo com os achados nesta pesquisa, o ensino de *ballet* clássico *on-line* influenciou no aprendizado dos bailarinos durante a pandemia do Coronavírus através de diferentes modalidades de ensino-aprendizado remoto, sendo que os bailarinos apontaram como ponto em comum que todas estas formas trouxeram uma postura mais ativa, os bailarinos se tornaram mais agentes neste processo de aprendizagem. Houve o desenvolvimento da autonomia dos bailarinos em relação a organização do espaço de aula, disciplina em manter a prática e busca em eliminar possíveis distrações (principalmente nas modalidades assíncronas). Por exemplo, a limitação da visualização do professor, a falta de interação com o professor, a diferença no espaço-tempo em que os alunos estavam, e a falta do toque trouxeram para eles a responsabilidade de ouvir o próprio corpo. Estes fatos aumentaram a propriocepção de muitos destes bailarinos.

Diferente de Marques (2020), os achados da nossa pesquisa indicaram que muitas destas aulas de dança *on-line* proporcionaram a bailarinos e professores trocas riquíssimas de conhecimento sensorial sobre sua corporalidade, e suas emoções. Por um lado, as aulas de *ballet on-line* apresentaram algumas dificuldades, por exemplo, mudanças de percepção sensoriais, e uma priorização da visão sobre outros sentidos, e exclusão de muitos bailarinos por causa da acessibilidade a *internet*. Contudo, houve a possibilidade de vários bailarinos dançarem juntos em vários locais do planeta ao mesmo tempo a partir do amplo compartilhamento gratuito da arte da dança. Neste sentido, as aulas de *ballet on-line* pesquisadas trouxeram benefícios aos bailarinos que estavam dançando juntos como mecanismo de manutenção da saúde mental e física.

Neste contexto, concordamos com Kourlas (2020) que esta pandemia nos ensinou que precisamos retornar aos nossos corpos e criou uma nova maneira de se mover e de dançar a qual transbordou para as ruas. Precisamos preparar os bailarinos para avançarem em seus futuros como praticantes de dança e para isso temos muito a descobrir com uma pedagogia e prática de dança mais *on-line*. Ou seja, precisamos nos aventurar e explorar de modo inovador, com meios criativos, como utilizar essa plataforma para ensino e aprendizado de dança.

Com a perspectiva de se ter um futuro focado no desenvolvimento da educação, focados em novas oportunidades de inclusão social, igualdade e crescimento dos indivíduos, consideramos importante a discussão sobre sistemas mistos de educação presencial e *on-line*. Neste contexto, sugerimos que as aulas de *ballet on-line* sirvam como um recurso extra a todos conhecimentos desenvolvidos no aprendizado presencial. Como Santos (2016, p.17) afirma, “todos os saberes são incompletos”, portanto, consideramos que podemos usar tanto do modelo presencial quanto do remoto como saberes corporificados que podem ser benéficos quando usados como complementares um ao outro ampliando o repertório sensorial do bailarino.

Referências

BATSON, G. Update on Proprioception Considerations for Dance Education. *Journal of Dance Medicine & Science*, v.13, n. 2, 2009, pp.35-41. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344323921_Proprioceptive_training_in_dance_sport_effects_of_agility_skills Acesso em: 13 nov. 2020.

COTE-LAURENCE, P. The Role of Rhythm in *Ballet* Training. *Research in Dance Education*. Routledge.V.1, N.2, 2000, pp.173-181. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/713694263?journalCode=crd20> Acesso em: 13 mar. 2022.

DORNELLES DE ALMEIDA, D.; FLORES-PEREIRA, M. As corporalidades do trabalho bailarino: entre exigências extremas e dançar com a alma. *RAC*, v. 17, n.6, Rio de Janeiro, outubro 2013, pp. 720-738. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/f47Cb4Sc3N6hXMWX9GBxD4p/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 nov. 2020.

DORNELLES DE ALMEIDA, D. The challenges and opportunities of teaching dance remotely IN TIMES OF Covid-19. Video presentation at the *Online Learning & Teaching Festival*. *Teaching remotely in the era of the*

Fourth Industrial Revolution (4IR). University of Roehampton; London. 16th – 17th June, 2020.

DORNELLES DE ALMEIDA, D. *Multisensorial learning in the professional ballet class in three London institutions*. Doctoral Thesis. University of Roehampton: London. May, 2021. Disponível em: <https://ethos.bl.uk/OrderDetails.do?uin=uk.bl.ethos.830699> Acesso em: 13 nov. 2021.

FARIAS, H.M.L. *Aulas de ballet clássico on-line: aspectos do ensino-aprendizado remoto em bailarinos durante a pandemia de Covid-19*. Trabalho de conclusão de curso dança. Departamento de Artes e Humanidades. Universidade Federal de Vicososa: Vicososa, 2022.

FORTIN, S. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para pesquisa na prática artística. *Revista Cena*. 7 ed. Rio Grande do Sul, 2009, pp.78-88. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961> Acesso em: 18 mar. 2022.

GUARATO, Rafael. O fardo da história da (e na) dança: consequências da colonialidade e da decolonialidade para historiografias dos suls do “sul global”. *Revista Brasileira de Estudos em Dança*, vol.01, n. 01, p. 108-137, 2022.

IADMS (2020a) *Performing Artists' Mental Health and COVID-19*. Webinar Series. ACCESSED ON: 05/05/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RzQbPmhjFGY> Acesso em: 13 nov. 2020.

IADMS (2020b) *Dance Conditioning during COVID-19: Strength, power, endurance, and speed*. Webinar Series. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bwd24ps3a48> Acessado em: 11 mai.2020.

KOURLAS, G. Dancers still need a daily class. No barre? Just grab a chair. *The New York Times*. New York, 2020, pp.1-10. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/25/arts/dance/ballet-class-coronavirus.html> Acesso em 04 abr. 2021.

LADEWING, I. A importância da atenção na aprendizagem de habilidade motora. *Revista USP*. 20 ed. São Paulo: Rev. Paul. Edu. Fís., 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139614> Acesso em: 13 nov. 2021.

LAKATOS, E. MARCONI, M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view Acesso em: 13 jul. 2020.

LANSKY, C. Take virtual class from your kitchen counter with these pros. *Pointe*. Palm Coast, 2020, pp.1-13. Disponível em: <https://www.pointemagazine.com/online-ballet-class2645499567.html> Acesso em: 04 abr. 2021.

LIMA, Daya. Vem dançar online! São Paulo companhia de dança terá programação especial com aulas gratuitas. *São Paulo para crianças*. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://saopauloparacrianças.com.br/sao-paulo-companhia-danca-programacao> Acesso em: 26 abr.2021.

LOPES, M. *Aulas de dança durante a pandemia: saiba por que você deveria começar hoje*. Maria Cristina Lopes, 2020a, pp.1-6. Disponível em: <https://www.mariacristinalopes.com/aulas-dedan-a-durante-a-pandemia--saiba-por-que-voc--deveria-come-ar-hoje.html> Acesso em: 16 fev.2022.

LOPES, M. *Socialização: a importância da relação entre professores e alunos no desenvolvimento e aprendizado da dança*, 2020b, pp.1-6. Disponível em:

<https://www.mariacristinalopes.com/socializa--o--a-import-ncia-da-rela--o-entreprofessores-e-alunos-no-desenvolvimento-e-aprendizado-da-dan-a.html> Acesso em: 17 fev.2022.

LOPES, M. *Ausência do contato físico: a dança em tempos de pandemia*. Maria Cristina Lopes, 2020c, pp.1-5. Disponível em: <https://www.mariacristinalopes.com/aus-ncia-do-contato-fsico--a-dan-a-em-tempos-de-pandemia.html> Acesso em: 16 fev.2022.

HOPPER, L. S.; WEIDEMANN, A. L. KARIN, J. The inherent movement variability underlying classical *ballet* technique and the expertise of a dancer, *Research in Dance Education*, v.19, n.3, 2018, pp.229-239. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/14647893.2017.1420156> Acesso em: 04 mar.2022.

MARQUES, Isabel. Pandemia pelas telas: quando as tecnologias e empreendedorismo se encontram nas aulas de dança. In: *Os desafios pandêmicos e outros modos de re-existência nas artes*. Vanilton Lakka; Daniela Guimarães; Dulce Aquino; Clécia Queiroz; Valeska Alvim; Alysson Amâncio, organizadores. Coleção Quais danças estarão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 1). Salvador: ANDA, 2020, pp.161-172. Disponível em: <https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-1-OS-DESAFIOS-PAND%C3%8AMICOS-1.pdf> Acesso em: 16 jan.2022.

MARULANDA, D; OLIVEIRA, É. Metáforas do corpo e do movimento no ensino do *ballet* clássico: Etnografia da incorporação de uma técnica. *ABRACE*, Belo Horizonte, 2014, pp.1-5. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/2042> Acesso em: 04 mar.2022.

MONTERO, B. Proprioception as an aesthetic sense. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*. Spring Vol 64, No 2. Oxford: JSTRO, 2006, pp.231-242. Disponível em: https://www.academia.edu/2015299/Proprioception_as_an_aesthetic_sense Acesso em: 04 mar.2019.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, vol. 13, n.9, 1992, pp. 11-20.

REBS, R. R. Ballet on-line e capital social em tempos de pandemia. *Repertório*, Salvador, ano 24, n. 37, 2021.2, pp. 217-239.

SAHIN, I.; SHELLEY, M. *Educational practices during the Covid-19 viral outbreak: International perspectives*. Monument: ISTES Organization, Outubro de 2020. Disponível em: <https://www.istes.org/books/a9e94c654d5fa079d1df30e8d5cdcd9b.pdf> Acesso em: 14 mar.2021.

SANTOS, B. SOUSA; ARAUJO, S.; BAUMGARTEN, M. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. *Dossiê Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, no 43, set/dez 2016, pp. 14-23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/Y3Fh6D3ywMCFym4wMFVdzsq/abstract/?lang=pt> Acesso em: 04 nov.2020.

SATHLER, L. Aulas remotas precisam ser chatas? *Bett educar*. São Paulo, fevereiro de 2021, pp.1-6. Disponível em: <https://brasil.bettshow.com/bett-blog/as-aulas-remotas-precisam-ser-chatas#:~:text=O%20ensino%20remoto%20pode%20ser,nenhum%20de%20envolvimento%20de%20metodologias%20ativas> Acesso em: 17 fev. 2022.

SILVA, M.; MARCÍLIO, B. Espaços e emoções: reflexões para entender a experiência de isolamento social na pandemia de covid-19. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói: julho, 2020, pp.68-74. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/viewFile/43455/24780. Acesso em: 07 fev. 2022.

TRAJKOVA, M.; CAFARO, F.; DOMBROWSKI, L.. Designing for *Ballet* Classes: Identifying and Mitigating Communication Challenges Between Dancers and Teachers. In *Proceedings of the 2019 on Designing Interactive Systems Conference*, 2019, pp. 265-277. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/299808984.pdf> Acesso em: 07 dez. 2021.

THIBODEAU, J.; YOLGORMEZ, C. Open-source Sentience: The Proof is in the Performance. In *The proceedings of the 2020 International Symposium on Electronic Arts*. Montreal, Canada, 2020, pp.1-15. Disponível em: https://www.um.edu.mt/library/oar/bitstream/123456789/68179/1/ISEA_PROCEEDING_271020.pdf Acesso em: 07 fev. 2022.

TUOMEICIREN, H.; ROSE, M. A reimagined world: international tertiary dance education in light of COVID-19, *Research in Dance Education*, v.22,n.3, 2021, pp.306-320. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14647893.2020.1780206> Acesso em: 15 fev. 2022.

WHO. Stay physically active during self-quarantine. *World Health Organization Europe*. 2020. Disponível em: <https://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirus-covid-19/publications-and-technical-guidance/noncommunicable-diseases/stay-physically-active-during-self-quarantine> Acesso em: 21 jul. 2020.

WINSHIP, L. Plié, Jetté... mind the fridge! My kitchen *ballet* class with Tamara Rojo. *The Guardian*. Londres, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/stage/2020/mar/24/tendu-with-tamara-rojo-online-balletclasses-to-try> Acesso em: 04 abr. 2021.

ZIHAO, M. L. Teaching Introduction to Dance Studies Online Under COVID-19 Restrictions, *Dance Education in Practice*, v.6, n.4, 2020, pp. 9-15. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23734833.2020.1831853> Acesso em 03 fev. 2022.

Recebido em 13 de maio de 2022

Aprovado em 17 de outubro de 2022

REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN
UFRJ

Anda
associação nacional de
pesquisadoras em dança